

# **A MÚSICA NO TEATRO DE J. SIMÕES LOPES NETO: ASPECTOS HISTÓRICOS E ESTRUTURAIS DA COMÉDIA-OPERETA “OS BACHARÉIS” (1894)**

Márcio de Souza  
marciosouz@terra.com.br  
Universidade Federal de Pelotas – UFPel

## **Resumo**

Este artigo apresenta a análise de alguns aspectos históricos e estilísticos que nortearam a escrita da *comédia-opereta* “Os bacharéis” (1894), em três atos, de autoria do jornalista, escritor e teatrólogo gaúcho J. Simões Lopes Neto (1865-1916) e teve como objetivos cotejar as fontes primárias e compreender a gênese estrutural que interliga o texto dramático à parte lírica da obra.

**Palavras-chave:** teatro e música, comédia-opereta, J. Simões Lopes Neto.

*Abstract:* This article deals with the checking of the historic and stylistic aspects that orientated the writings of the comedy-operetta “Os Bacharéis” (1894), in three acts, whose authorship belongs to the journalist, writer and brazilian dramatist João Simões Lopes Neto (1865-1916) and had the aim to understand the structural genesis that interconnect the dramatic text to the lyric part of the work.

*Keywords:* theatre and music, comedy-operetta, J. Simões Lopes Neto.

## **Introdução**

A produção teatral do escritor gaúcho João Simões Lopes Neto (1865-1916), aparentemente desconectada do restante da sua obra regionalista e pouco conhecida do público em geral, vem merecendo novos estudos e também algumas conjecturas. O autor de “Contos Gauchescos” e “Lendas do Sul” dedicou muitos anos (1893-1915) na criação e encenação de suas obras teatrais, conjuntamente com a atividade de jornalista e empresário. Do montante de peças que escreveu, a obra com maior número de encenações e que por mais de vinte anos ficou na memória do povo da sua cidade, hoje completamente desconhecida, foi uma xistosa *comédia-opereta* intitulada “Os Bacharéis”. A estréia se deu em junho de

1894, na cidade de Pelotas, em pleno intermeio da sangrenta Revolução Federalista (1893-95). A música, toda original, que, pela ótica dos críticos, muito sucesso fez à época, foi toda composta pelo maestro uruguaio Manoel Acosta y Olivera e executada por integrantes da orquestra do Club Beethoven.<sup>1</sup>

No mínimo, curiosa, é a lembrança de Dona Velha, sua esposa, do período em que o celebrado escritor pelotense estava envolvido com teatro amador e escreveu a obra:

“Preferia, antes de tudo, teatro e literatura. Ia sempre a todos os espetáculos teatrais que se realizavam na cidade e escreveu diversas peças teatrais. Sua primeira obra nesse ramo foi a revista ‘O Boato’. Experimentou encenar uma opereta de sua autoria ‘Bacharéis’ (sic) com moças da sociedade local”.(Diário da Manhã, 1982).

O cotidiano da cidade de Pelotas no final do século XIX mantinha um efervescente ambiente cultural voltado à ópera, à literatura e ao teatro. J. Simões Lopes Neto iniciara já em 1892 a atividade de roteirista para teatro musicado e *Revistas do Ano*, primeiramente como ensaiador da sociedade cênica amadora do Clube Caixerai e posteriormente como autor de peças, utilizando sempre o pseudônimo de Serafim Bemol. A comédia-opereta “Os Bacharéis” foi a segunda criação teatral de uma série de três primeiras obras escritas em parceria com seu cunhado, o ator e comerciante português José Gomes Mendes. A saber: O Boato (1893), Os Bacharéis (1894) e Mixórdia (1895-96). A segunda comédia foi a única das três peças que recebeu a qualificação de *opereta* e também a única em que o texto não fora impresso. Misteriosamente, a única que se “desprende” por longos anos do restante do acervo, após sua morte em 1916.

O recente interesse musicológico surgido pela obra foi gerado a partir da localização e análise de um conjunto de partituras instrumentais intituladas coleção “Os Bacharéis”, advindas do montante de material coletado e catalogado pelo grupo de pesquisas do projeto *Edições Musicais em Pelotas – Impressão e publicação (1850-1950)* mantido pelo Conservatório de Música da UFPel. A partir da comprovação da ligação das partituras encontradas com a obra teatral de Simões Lopes Neto, um novo projeto de pesquisa musicológica foi iniciado.

---

<sup>1</sup> O Club Beethoven foi uma entidade musical beneficente agremiada a Biblioteca Pública Pelotense e mantém orquestra, estudantina e coro.

## Objetivos

Entre os objetivos deste novo trabalho, o primeiro foi o de cotejar as três fontes primárias que formavam a comédia-opereta, ou seja, o manuscrito do texto (1894), uma edição do libreto (1914) e as partituras impressas (1894). Outro propósito foi o de avaliar a importância cultural que a obra tenha tido dentro da produção cênico-musical no final do século XIX na cidade de Pelotas, e para isso foi coligido farto material documental como anúncios, críticas e crônicas de jornais da época sobre as diversas encenações da opereta entre 1894 e 1914. Importante, contudo, foi analisar outras fontes bibliográficas existentes sobre o que já fora escrito por biógrafos, pesquisadores, colecionadores e escritores, especificamente a respeito da sua obra teatral. Mesmo com algumas conjecturas, foi um passo necessário para detectar o grau de informações históricas, conhecimento estilístico e literário que ainda restava após anos de ocultamento, visto que já foram passados mais de noventa anos da última récita da *opereta*.

## Questão de pesquisa

A pergunta que se revelou mais instigante durante o período de análise das fontes, da leitura das crônicas e da consulta bibliográfica, foi a de como reconhecer a real função, o nível de equilíbrio e a forma de estruturação da música dentro do gênero comédia-opereta, especificamente dentro do teatro de Simões Lopes Neto. Não obstante, por não se encontrar preservada na literatura teatral gaúcha nenhuma outra obra similar do gênero e do período, incerto seria concluir, prematuramente, quais estruturas formais e estilísticas o escritor tenha se utilizado, visto que nenhum documento a respeito da sua criação teatral foi encontrado, além das próprias obras.

## Fontes

Até o final dos anos oitenta, apenas uma parte das fontes primárias acerca de “Os Bacharéis” haviam sido então preservadas por bibliófilos. Primeiramente, fora encontrado um único exemplar da edição de um pequeno *libreto* com as letras da parte lírica publicado em 1914 pela Tipografia da Fábrica Guarany de Pelotas<sup>2</sup>. Não obstante ter restado somente um exemplar, mantido em acervo particular, este se apresenta incompleto, faltando algumas

---

<sup>2</sup> Esse libreto foi impresso em 1914 para uma montagem da opereta pela Companhia Cidade de Pelotas de Francisco Santos.

páginas do terceiro ato. A segunda fonte, mais importante, já citada anteriormente, trata-se do único exemplar do manuscrito original do texto da *comédia-opereta* de 1894, que permaneceu oculto aos pesquisadores até 1989, sendo trazido do Rio de Janeiro por Maria Isabel Dias Murray, neta de uma irmã do escritor e doado tacitamente para a Biblioteca Pública de Porto Alegre.<sup>3</sup> Importante citar que a Companhia Brasileira de Assis & Peixoto, do Rio de Janeiro, chegou a encenar a *comédia-opereta* em 1902.<sup>4</sup>

Com a posse de uma cópia do manuscrito, pode-se verificar que o texto ainda encontra-se bem nítido, possuindo alguns pequenos riscos de alterações de ação, mas contém indicações precisas da fala das personagens, trechos orquestrais, início e término das músicas e definição de solos, duos, trios, sextetos e coros. Todas as letras das músicas estão completas, contextualizadas e entremeadas com a cena. As mesmas foram cotejadas com o libreto de 1914 e apenas poucas modificações de inflexão vocal foram encontradas. Não há no decorrer do texto, porém, qualquer indicação da existência de música impressa.

A terceira fonte analisada e cotejada foi o conjunto de três partituras editadas para piano intituladas coleção “Os Bacharéis”. Foram publicadas no mesmo ano de estréia (1894) pela editora Universal de Echenique & Irmãos como peças de salão, sem as respectivas letras da *comédia-opereta*. A edição contemplou na capa somente a autoria da música de Acosta y Olivera, sem mencionar o nome de J. Simões Lopes Neto e tampouco o seu pseudônimo Serafim Bemol, que adotara e que ficou conhecido nas crônicas de jornal e na assinatura de peças teatrais. Esse descuido pode ter contribuído para a histórica dissociação entre texto e música e dificultado a pesquisa documental na inter-relação entre ambas.

O maestro Acosta y Olivera, famoso e respeitado à época e hoje completamente desconhecido, apresentou ainda em 1894 uma versão em forma de *Fantasia* da opereta “Os Bacharéis” no Theatro São Pedro em Porto Alegre conforme nota do jornal:

“Vamos ter amanhã a satisfação de ouvir, pela segunda vez as produções originais e interessantes do maestro Manoel Acosta e pela segunda vez trilhar-lhe os nossos aplausos. No espetáculo de amanhã (...) será a pedido geral executada a grande fantasia da opereta Os Bacharéis”. (Jornal O Mercantil:1894)

As crônicas de jornais da capital chegam a fazer menção aos autores da peça teatral para qual a *Fantasia* de Acosta y Olivera foi escrita, mas, contudo, historicamente, não fica

---

<sup>3</sup> Cláudio Heemann. O teatro de Simões Lopes Neto. Porto Alegre, IEL, 1990. p. 17.

<sup>4</sup> Carlos Reverbel. Um capitão da Guarda Nacional. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1981. P. 108.

clara a independência que o maestro quis dar às suas composições ao não mencionar o nome de J. Simões Lopes Neto na edição das partituras.

### **Metodologia**

A metodologia empregada para que se pudesse reconhecer o contexto estilístico da *comédia-opereta* foi de caráter histórico-social e para o reconhecimento da sua estrutura formal direcionou-se para o analítico-musical, enfocando a análise comparativa entre texto-música em três importantes aspectos: a proporção temporal entre texto-música; a relação de recorrência ou complementação da história descrita no texto com a temática das letras; e por último, a relação entre as *ouvertures* e as *codas* dos três atos com os trechos instrumentais das partituras impressas.

### **Resultados e discussão**

Como se pode constatar, além da emblemática investigação dos pesquisadores e biógrafos para que se pudesse reunir o acervo completo da sua obra teatral, a tomada de decisão para a liberação pública do acervo para a pesquisa também foi penosa. Pois, confinada e guardada por longos anos em um acervo particular, somente a partir dos anos noventa é que se tornaram acessíveis e foram possíveis as primeiras avaliações e estudos parciais da sua produção para o teatro, e por tabela, para a análise da música. Esse aspecto temporal talvez tenha sido um elemento complicador para os primeiros analistas da sua obra. O seu maior biógrafo, Carlos Reverbel, ao publicar o monumental livro “Um capitão da Guarda Nacional” em 1981, ainda desconhecia completamente a existência física de pelo menos duas fontes de “Os Bacharéis”. Já Cláudio Heemann, o primeiro autor a publicar um livro específico sobre o teatro de Simões Lopes Neto, ao tentar analisar o texto manuscrito de “Os Bacharéis”, erra grosseiramente ao afirmar e sugerir que:

“Os versos destinados ao canto aparecem seguido, mas as letras são toscas e banais, não servindo ao progresso da ação, além de apresentarem deficiência em seus acenos de rima e versificação. Um corte nessas passagens tornará o texto mais ágil e movimentado”.(Heemann, 1990:19).

Não bastando o seu conselho para mutilar a *comédia-opereta*, o pesquisador parece também desconhecer na prática o que seria o gênero, pois analisa a obra sob o ponto de vista puramente teatral:

“O enredo só não caminha mais rápido devido à atenção dada as indicações de canto, com duetos, estribilhos e coros. Essas travas de ação enfraquecem a continuidade da história e o impulso narrativo. Mas devem ter sido imprescindíveis à partitura”. (Heemann, op. 19).

E sepulta de vez a lógica, quando afirma a peça ter sido escrita “sem compromisso formal, sem reflexão e arrumação final” (Heemann: 1990:19).

Por outro lado, Antônio Hohlfeldt, que faz uma interessante análise sobre os procedimentos dramáticos da sua obra teatral, mesmo sem passar os olhos pelo “Os Bacharéis”, conclui que as comédias de Simões Lopes Neto “são essencialmente literárias, ou seja, embora possam ter um determinado rendimento em cena, podem ser bem avaliadas antecipadamente pela simples leitura”. (Hohlfeldt, 1999:75).

Com todo respeito à autoridade das afirmações anteriores, não é crível que a música seja causadora negativa de travas à cena e tampouco a *comédia-opereta* de Simões Lopes Neto possa ser bem avaliada somente pela leitura do texto. Diferentemente de ser uma peça unicamente teatral, a gênese de “Os Bacharéis” pode estar mais de acordo, talvez, com um teatro popular muito peculiar e em voga na segunda metade do século XIX, que misturava música e comédia e que teve a gênese no teatro musical português da metade do século XIX e na obra de Arthur Azevedo, a sua expressão máxima no Brasil. Corroborando com Valença:

(...) ao lado do piano e das casas impressoras, o teatro com música, de inspiração popular, a partir dos últimos trinta anos do século XIX (...), veio a se constituir no terceiro fator de importância para a divulgação dos gêneros da música do povo característicos do século passado: a modinha, o lundu e também a música das danças européias (polca, quadrilha, schottisch, mazurca, valsa), que, por volta de 1850, começaram a chegar ao país (Valença:2004)

## **Conclusão**

A análise pormenorizada da música, quando posta em igual teor de importância ao lado do texto manuscrito da *comédia-opereta*, nos revela que a *parte lírica* está inserida sutilmente em uma organizada estrutura formal que ajuda a contar a história e a interligar o enredo, não devendo ser modificada ou em parte alguma suprimida. Ao fazermos um resumo da história e compará-lo com a parte lírica, percebemos que a comédia pode ser também narrada, surpreendentemente, somente a partir da temática das letras musicadas, que para este fim, não são toscas, banais ou inferem em erros de métrica, conforme afirmado

por teóricos da sua obra teatral. Os procedimentos e a metodologia para a realização de um criterioso trabalho de reconstituição e orquestração apresenta-se como o próximo desafio, o que tornaria novamente viável e disponível ao público e pesquisadores um patrimônio literário, cênico e musical do século XIX, ocultado por mais de noventa anos e avaliado inadequadamente, ao que nos parece, até o momento.

### **Referências bibliográficas**

ACOSTA Y OLIVERA, Manuel. Os bacharéis. Pelotas, Echenique & Irmão, 1894. Partitura.

AZEVEDO, Arthur. A capital federal. Comédia-opereta. Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1965.

BARCELLOS, Ivete M.S.L. Simões Lopes Neto na intimidade. Porto Alegre, Bels, 1974.

BENTANCUR, Paulo. Org. Obra completa: Simões Lopes Neto. Porto Alegre, Sulina, 2003.

CASTRO, Euclides Franco de. Ed. Corpo cênico do Club Caixeiral. In: Revista Princesa do Sul. Pelotas, junho de 1951. 7º fascículo.

DAMASCENO, Athos. Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX. Porto Alegre: Globo, 1956.

DEPOIMENTO DE DONA VELHA. Pelotas, Jornal Diário da Manhã, 1º de agosto de 1982.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. João Simões Lopes Neto, uma biografia. Porto Alegre, AGE/UCPel, 2003.

HEEMANN, Cláudio. Org. O teatro de Simões Lopes Neto. Vol. I. Porto Alegre, IEL, 1990.

LOPES NETO, João Simões e José Gomes Mendes. Os Bacharéis. Comédia-opereta. Manuscrito. Pelotas, 1894.

LOPES NETO, João Simões e José Gomes Mendes. Os Bacharéis. Parte Lírica. Typografia da Fábrica Guarani. Pelotas, 1914.

REVERBEL, Carlos. Um capitão da Guarda Nacional. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1981.

ROCHA, Cândida Isabel Madruga da. Um século de música erudita em Pelotas (1827-1927). Dissertação de mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1979.

VALENÇA, Suetônio Soares. Regentes de orquestras do teatro musicado popular. In: Aspectos da MPB no século XIX. texto web, 2004. s/nº de pág.

JORNAL O MERCANTIL. Notas teatrais. Porto Alegre, 20 de outubro de 1894.